Educação cidadã
Elizabeth Cavalheiro, Socióloga

De hoje até domingo será realizado em Nova Iguaçu (RJ) o segundo Fórum Mundial de Educação. O evento - cuja primeira edição aconteceu em São Paulo em 2004, reunindo 100 mil pessoas, nos mesmos moldes do Fórum Social Mundial - traz para o debate a questão da educação pública de qualidade. E importante: ao alcance de todos e de todas, como parte da cidadania garantida pela Constituição. Com o tema central Educação Cidadã para uma Cidade Educadora, o Fórum terá como foco a discussão sobre a educação e a violência.

A educação é um direito inalienável, que precisa ser defendido a todo custo. Há esforços de diversos segmentos para se estabelecer uma educação pública que contemple toda a sociedade, e não somente uma pequena parcela dela. Faz parte deste esforço a adoção, nos últimos anos, de políticas para tentar amenizar as diferenças sociais existentes dentro das escolas e universidades. Uma das que conquistou maior visibilidade - até pelo potencial de polêmica que gera - é a das políticas de cotas para as minorias nas universidades públicas, como medida para tentar diminuir o abismo existente na educação brasileira, onde somente uma pequena porção da população tem acesso à educação de nível superior. De acordo com a publicação Cotas raciais - por que sim?, do Ibase, apenas 14,38% das pessoas com nível superior completo são negras, apesar de estas representarem quase a metade da população brasileira.

Para tentar diminuir essa diferença, implementou-se políticas de cotas em algumas universidades públicas, sendo a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Universidade de Brasília (UnB) as pioneiras nesse trabalho. Apesar de um início tímido, hoje são quinze as universidades públicas, estaduais e federais, que adotam a política de cotas.

Mas isso é apenas o começo da grande batalha para se estabelecer parâmetros mais justos dentro da educação mundial, pois as demandas por igualdade não existem apenas no Brasil. Em todo o mundo, têm-se relatos de segregação na educação e de movimentos que buscam a democratização ao seu acesso. A educação de boa qualidade é vista, em muitos países, como privilégio dos mais abastados. Daí a importância do Fórum Mundial, que reúne profissionais com o fim de democratizar o acesso à educação de qualidade.

Outro aspecto importante do Fórum é o de abrir espaço para o debate e a troca de idéias. E aqui é importante citar a Educação a Distância (EAD), como alternativa às aulas presenciais, a fim de que mais pessoas possam ter acesso à educação. Essa nova tecnologia vem apoiada na progressiva popularização do computador e da internet, onde as aulas virtuais são ministradas em chats de bate-papo e o conteúdo fica hospedado e armazenado em sites. No Brasil já existem alguns cursos (de graduação e de pós-graduação) que foram aprovados e reconhecidos pelo MEC para serem oferecidos na modalidade EAD. Essa nova tecnologia, dentre outras coisas, visa inserir no processo educacional pessoas excluídas pelos métodos tradicionais.

A realização do Fórum Mundial em Nova Iguaçu é, portanto, uma excelente oportunidade para cidadãos e cidadãs cariocas e fluminenses refletirem sobre esses temas vitais para o nosso futuro e sobre a educação que temos e a que queremos. O evento é um capítulo importante do grande esforço que existe para se melhorar a educação, tanto no Brasil quanto no mundo, a fim de que todas as pessoas sejam contempladas com um ensino público de qualidade. O papel da sociedade civil é participar e cobrar dos governos políticas públicas que incluam todos(as), e não somente um segmento da sociedade, para que a cidadania seja plena.

Fonte: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23 mar. 2006, Opinião, Online.